

A COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA COMO INSTRUMENTO PARA UMA CULTURA DE PAZ: UMA PROPOSTA PARA AS ESCOLAS DA REDE ESTADUAL DE SERGIPE

Maria Angélica da Silva Costa Santos¹

RESUMO

O presente artigo discute a temática da comunicação no contexto das relações interpessoais para uma Cultura de Paz. Como se observa, no contexto da sociedade contemporânea, práticas de violência são legitimadas por uma cultura que as naturalizam. Nesse contexto, partindo dos princípios dos Estudos para a Paz, é preciso aprender a desaprender a cultura da violência. Portanto, nesse contexto, a Comunicação e Educação para a Paz apresentam alternativas capazes de romper com o paradigma da violência, reconstruindo formas pacíficas de transformação de conflitos, momentos de reflexão crítica e construção de novos saberes voltados para uma epistemologia dialógica da afetividade e do acolhimento. Para tanto, buscamos recuperar um breve histórico sobre a comunicação para contextualizar a concepção de comunicação não-violenta no contexto da Comunicação e Educação para a Paz. Em seguida, abordamos a respeito dos conflitos interpessoais que emergem a partir das dificuldades de comunicação. Nesse sentido, apresentamos os resultados de uma pesquisa quantitativa e exploratória realizada sobre os diversos tipos de violências encontradas nas 358 escolas da rede estadual de ensino de Sergipe, através de um questionário aplicado aos representantes dos diversos segmentos da comunidade escolar, tais como: professor, aluno,

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe, Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade Integrada de Patos (Paraíba), Especialista em Gestão Escolar pela Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe- FANESE, Cursando a Especialização em Desenvolvimento Humano e Resolução de Conflitos pela Universidade Tiradentes de Sergipe-UNIT. Atualmente é Coordenadora do Programa Cidadania e Paz na rede Estadual de Ensino de Sergipe. E-mail: mariaangelicacoach@gmail.com

pai, funcionário e direção. Finalmente, pretendemos recomendar uma proposta para utilizarmos a comunicação não-violenta como instrumento para a construção da Cultura de Paz, no sentido de prevenir e lidar com situações de violência escolar, possibilitando a reconstrução dos relacionamentos interpessoais. Entendermos que é nos relacionamentos que se encontra a resposta para muitas questões que permeiam a existência humana, o viver e o refinamento dessa arte: o conviver e o viver com. Tais questões perpassam pelos conflitos desagregadores, pelo não-diálogo e pelo desencontro que frustra.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação Não-Violenta. Educação para Paz. Relações Interpessoais.

ABSTRACT

This article discusses the theme of communication in the context of interpersonal relations for a Culture of Peace. As we observe, in the context of contemporary society, practices of violence are legitimized by a culture that naturalizes them. In this context, starting from the principles of Studies for Peace, one must learn to unlearn the culture of violence. Therefore, in this context, Communication and Education for Peace present alternatives capable of breaking with the paradigm of violence, reconstructing peaceful ways of transforming conflicts, moments of critical reflection and construction of new knowledge geared to a dialogic epistemology of affection and acceptance. To do so, we seek to recover a brief history of communication to contextualize the conception of non-violent communication in the context of Communication and Education for Peace. Next, we address the interpersonal conflicts that emerge from the difficulties of communication. In this sense, we present the results of a quantitative and exploratory survey carried out on the various types of violence found in the 358 schools of the Sergipe State School network, through a questionnaire applied to representatives of the various segments of the school community, such as: teacher, student, parent, employee, and direction. Finally, we intend to recom-

mend a proposal to use non-violent communication as an instrument for the construction of the Culture of Peace, in order to prevent and deal with situations of school violence, making possible the reconstruction of interpersonal relationships. We understand that it is in relationships that we find the answer to many questions that permeate the human existence, the living and the refinement of this art: living together and living with. These issues are traced by the disintegrating conflicts, by the non-dialogue and by the frustrating mismatch.

KEYWORDS

Non-Violent Communication. Education for Peace. Interpersonal Relationships.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa fazer uma reflexão sobre a comunicação não-violenta no contexto da cultura de paz praticada por educadores como recurso comunicativo e educacional voltado para despertar no discente a perspectiva favorável a uma educação mais humanizadora, na qual ambos podem dividir e conviver no mesmo espaço resolvendo conflitos e conduzindo um processo de aprendizagem favorável ao crescimento intelectual e social do discente.

A inserção no ambiente escolar da comunicação não-violenta proporciona uma confiança no combate à violência na sala de aula, que insere várias situações desde o *bullying* à agressão física e uma comunicação centrada na compreensão e não somente na imposição. Diante dessa realidade, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) vem desenvolvendo pesquisas desde o início da década de 90 sobre o novo paradigma da educação. Através de vários organismos internacionais e pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, ressalta os quatro pilares de um novo tipo de educação capaz de atender as necessidades emergentes: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a ser e aprender a conviver. A nova abordagem possibilita o desenvolvimento desses pressupostos fundamentados no equilíbrio entre o homem interior e o homem exterior; entre a razão e o sentimento que convergem a partir da transdisciplinaridade.

Com base nesses pilares, a escola precisa ensinar a importância do diálogo e da paz, o que pressupõe preparar as crianças e os jovens para um conjunto de habilidades sociais necessárias ao desenvolvimento de uma personalidade equilibrada; ao aprendizado de boas relações sociais e dos valores sócio morais; ao aprimoramento das relações interpessoais, sobretudo através da comunicação eficiente; à compreensão das diferenças interculturais e à cultura da não violência.

Caberá à escola a partir de sua função social e política, transformar-se em espaço de convivência saudável, ou seja, construindo e vivenciando práticas de Cultura de Paz, como condição para garantir o sucesso da educação. Sob essa ótica, segundo Ribeiro (2006, p. 167): “[...] educar para Paz é, aprender a descobrir e enfrentar os conflitos para resolvê-los adequadamente; é possível encontrar nos conflitos cotidianos escolares, através de análise destes, soluções contrárias à violência”.

Partindo dessa perspectiva, o objetivo desse estudo foi observar como a comunicação não-violenta no âmbito da educação para a paz pode combater a violência no contexto escolar da rede estadual de Sergipe. A escolha dessa temática deu-se em virtude da problemática identificada como sendo a necessidade de conhecer novas possibilidades para desconstruir a prática da violência na seara das escolas, que prejudica o processo de ensino-aprendizagem e formação integral da pessoa humana. Dessa maneira, entendemos que essa abordagem pode possibilitar que a sociedade acompanhe o empenho dos educadores e gestores educacionais no combate a essa realidade que prejudica construtivamente o desenvolvimento dos jovens no processo de ensino-aprendizagem e no seu crescimento como cidadão.

A metodologia escolhida para alcançar o objetivo pretendido foi a pesquisa descritiva, de caráter exploratório, com abordagem do tipo quantitativa e qualitativa.

2. A COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA

A comunicação é considerada um instrumento fundamental no processo de esclarecimento e mediação de conflitos, principalmente no âmbito

educacional e social. Sendo o educador um interlocutor essencial para modificar e edificar o sistema educacional, possui habilidades para tornar a comunicação sua principal ferramenta para desenvolver um processo de desaprendizagem da violência na rede de ensino. Assim, a conceituação da noção de cultura de paz coloca em pauta diversos debates, especialmente em torno do uso da comunicação como recurso para construção e legitimação de condutas e comportamentos que são moldados a partir da linguagem e da cultura.

Nesse sentido, nota-se que a comunicação é essencial para a humanidade, pois ela constitui nossa forma de nos relacionarmos com o mundo e existirmos nele. No entanto, considerando que cada indivíduo possui seu próprio sistema cognitivo, percepções, valores pessoais e motivações, observa-se um padrão pessoal de referência que torna bastante pessoal e singular a interpretação de fatos e coisas. Desta forma, podemos compreender como a educação está inserida no contexto comunicacional, pois através da expressão verbal e não verbal o profissional da educação transmite seu conhecimento podendo despertar no aluno o interesse em aprender e conquistar seu espaço no âmbito profissional e social.

Estimular o discente a partir de técnicas da comunicação não-violenta produz uma nova abordagem de sua realidade singular, e coíbe a violência cultural. Segundo Marshall Rosenberg (2006), a comunicação realizada com eficácia e empatia proporciona mudanças nas ações e nos valores comuns do indivíduo. De acordo com o mesmo autor, a comunicação não-violenta é um ‘método’ de comunicação em que procuramos satisfazer nossas necessidades enquanto também buscamos atender às necessidades dos outros. Ao se comunicar de modo não violento, se evita utilizar julgamentos de bom/ruim, certo/errado, procurando expressar de modo verdadeiro e honesto os sentimentos e necessidades e para isso não são necessários críticas e julgamentos (ROSENBERG, 2006, p. 98).

Através dessa ressalva de Rosenberg, a comunicação não-violenta expressa de forma simples e objetiva o real significado da importância de uma comunicação expressiva e consistente. Agindo assim, o cidadão consegue compreender o comportamento do outro. Portanto, a abordagem da comunicação não-

-violenta no contexto da Educação para a Paz pode transformar processualmente o cenário violento encontrado no âmbito escolar no contexto atual.

Assim, o papel da escola deve buscar discutir os problemas que envolvem as práticas de violência, especialmente na perspectiva do desenvolvimento de ações educativas capazes de promover a superação desses problemas. Desta forma, a complexidade do fenômeno em questão nos remete a pensar em práticas educativas e comunicacionais como ferramenta de desconstrução de toda forma de violência. Portanto, encontrar meios para transformá-la deve ser o objetivo da escola no sentido de desconstrução da violência cultural que legitima e naturaliza outras tipologias de violência. Para Odalio (2004, p. 90), 'a violência, hoje, é meio de ataque, mas também de defesa. Ela exprime um inconformismo radical em relação às imperfeições da sociedade'.

A concepção de cultura de paz que permeia a proposta da comunicação não-violenta é um recurso fundamental no contexto educacional. Nele, o educador deve equilibrar seu conhecimento juntamente com esses elementos para nortear a educação rumo a um segmento mais ameno e menos preconceituoso, pois o discente ao ser acolhido e entendido aprende a respeitar o próximo e sente-se seguro para expressar suas ideias e pensamentos adquiridos através do ensino-aprendizagem. Contudo, essa atitude somente é possível quando o medo e receio são amenizados pela segurança contraída através do posicionamento firme e coerente do educador, que através da comunicação não-violenta consegue despertar no aluno o anseio por novas descobertas, respeitando o posicionamento alheio e desconstruindo estruturas de violência cultural.

3 CONFLITOS INTERPESSOAIS: DA VIOLÊNCIA CULTURAL À LEGITIMAÇÃO DAS OUTRAS VIOLÊNCIAS

O conflito nem sempre deve ser percebido como algo negativo. Ele é inerente à condição humana e pode representar uma oportunidade de superação e transformação, para a construção do diálogo e da cooperação. Ele pode significar perigo se o impasse

permanecer e a situação conflitiva continuar, retirando as energias individuais e potencializando o conflito; ele também pode significar oportunidade se forem criadas novas opções e possibilidades para que os indivíduos criem e solucionem problemas cotidianos (CHRISPINO, 2007).

O fator de conflito é um indicativo positivo quando se leva a um debate saudável sobre determinado assunto, ou quando os indivíduos envolvidos utilizam mecanismos como a comunicação para interagir e despertar os pontos positivos e negativos sobre a problemática envolvida, encaminhando a discussão a um desenvolvimento transformador sem acessar os mecanismos da violência. Afinal, os conflitos existem em todas as dimensões pessoais e sociais, mas o maior impasse é quando determinados posicionamentos conflituosos conduzem à violência, ou seja, quando ocorre a perda da harmonia do ensino ao questionamento.

Desse modo, observa-se na sua essência que o conflito significa também existência de ideias, sentimentos, atitudes ou interesses antagônicos e colidentes que podem chocar-se. Sempre que se fala em acordo, aprovação, resolução, unidade, consentimento, consistência, harmonia, deve-se lembrar de que essas palavras pressupõem a existência ou a iminência de seus opostos, como desacordo, desaprovção, disseminação, desentendimento, incongruência, discordância, inconsistência e oposição.

Chrispino (2007, p.120) entende o conflito como 'toda a opinião divergente ou maneira diferente de ver ou interpretar algum acontecimento', ou seja, o conflito tem origem na diferença de interesses, de desejos e de aspirações, de posições que são defendidas frente a outras. Este autor explica ainda que os conflitos precedem da dificuldade de comunicação, de assertividade das pessoas, e de condições para estabelecer o diálogo. Partindo de nossa experiência no âmbito escolar, observa-se que os conflitos escolares são, no contexto atual, os mais difíceis de mediação, pois nota-se uma proliferação de diversas situações que envolvem dimensões múltiplas da vida do estudante, e que provocam uma acentuação dramática da violência cultural.

Nessa perspectiva, os conflitos escolares mais comuns são desenvolvidos no âmbito interpessoal (entre alunos, entre alunos e professores, entre alunos e funcionários), que se transformam em

fenômenos emergentes no cotidiano acadêmico, como são o insucesso escolar, o absentismo, o abandono escolar, o *bullying*, a violência escolar e a indisciplina na sala de aula. Além disso, estas situações de conflito ocorrem muitas vezes no plano familiar, que depois são transportadas e expressas pelas crianças e jovens para o meio escolar (situações de alcoolismo, desemprego, violência doméstica, desresponsabilização parental, entre outras); e também são manifestações de violência e incivildades que emergem nos contextos sociais do meio onde vivem (delinquência, crime, tráfico e consumo de drogas, vandalismo, entre outras).

De qualquer modo, até mesmo quando os conflitos tomam rumos indesejáveis, eles podem refletir aspectos positivos e são excelentes oportunidades de aprendizagem e crescimento individual e coletivo, desde que bem conduzidos trabalhados, fortalecem os vínculos sociais.

4 VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR: DESAFIOS PARA A COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO PARA A CULTURA DE PAZ

Situações conflituosas e práticas da cultura da violência são realidades no âmbito escolar que vem tomando grandes proporções e preocupando sociedades e profissionais da educação. Atualmente, ela é um fenômeno real que desafia toda a sociedade. Trata-se de uma questão multicausal e complexa que demanda ainda análises e estudos mais aprofundados. A miséria, o desemprego, as desigualdades sociais, a falta de oportunidades para os jovens e a presença insuficiente ou inadequada do Estado fazem aumentar as manifestações de violência no nosso país. Entretanto, não se trata de um fenômeno circunscrito a fatores estruturais de ordem socioeconômica. Hoje, sabe-se que diversos outros fatores influenciam e interferem para o desenvolvimento e legitimação de práticas e ações de violência. Portanto, podemos pensar em termos de cultura da violência, ou seja, uma tipologia de violência que implica na fundamentação e legitimação de práticas e concepções violentas que são difundidas a partir de nossos discursos, produtos culturais, linguagem etc. É um

tipo de violência muito sutil, difícil de ser identificada, já que os atores ficam eclipsados por trás destes discursos que naturalizam a violência. Em razão disso, ela deve ser interpretada no âmbito cultural e psicossocial dos indivíduos, dos grupos e da sociedade (ROSA, 2010).

Partindo do ponto de vista de Sposito (1998), a violência escolar expressa aspectos epidêmicos de processos de natureza mais ampla, ainda insuficientemente conhecidos, que requerem investigação. No entanto, faz-se necessário, portanto, investigar o papel do professor, peça principal nesse cenário educacional, diante da desconstrução das estruturas da violência.

Nesse contexto, Galtung (1993, p.56), sociólogo, matemático e um dos pesquisadores mais destacados nos Estudos para a Paz, afirma que:

[...] os conflitos podem ser transformados de forma criativa e não violenta, aplicando o realismo do cérebro e o idealismo do coração. Criou uma definição de Paz Positiva e de Violência Estrutural. Ele mapeia três tipos de violências: Violência Direta, onde os autores e as vítimas são visíveis, e se refere à violência que se pode ver (confronto, guerra, integridade física); Violência Estrutural, onde o autor não é visível, mas as vítimas sim (desemprego, analfabetismo, fome, discriminação); Violência Cultural, sendo esta a mais sutil, onde nem o autor nem a vítima são visíveis efetivamente, escondem-se atrás dos discursos sociais. A Paz Negativa se dá como ausência da Violência Direta, enquanto que a Paz Positiva consiste na ausência da Violência Direta mais Justiça e Desenvolvimento e a Cultura de Paz surge como alternativa à Violência Cultural (GALTUNG, 1993, p. 56).

Partindo dessa compreensão do autor, podemos entender como os princípios da cultura de paz podem sobrepor-se mesmo em situações nas quais a violência está intrinsecamente entrelaçada pelo contexto cultural. A comunicação não-violenta é um mecanismo necessário e com resultados positivos, principalmente diante da realidade vivenciada nas escolas diariamente. O educador assume o papel de mediador e, ciente da sua capacidade em inserir na sala de aula uma comunicação embasada no diálogo, desenvolve

mecanismos para expressão de opiniões, anseios e superação. Entretanto, os professores e os demais segmentos da escola ainda não têm conseguido lidar com esta questão, denotando despreparo e falta de conhecimento acerca do assunto. Muitas vezes, na busca ansiosa por ações que amenizem a problemática, utiliza-se medidas de violência ainda maiores, com medidas exclusivamente punitivas. Desse modo, o fracasso é inevitável, agravando qualitativamente o desempenho das atividades desenvolvidas no ambiente escolar. Na prática, a realidade dos educadores é distinta principalmente na vivência diária nas salas de aula, onde o discente está acostumado a não ser ouvido e a violência é um fator presente na sua vida em vários seguimentos. A escola é visualizada como mais um local de enfrentamento ou combate a ser vencido.

Desse modo, o dilema travado entre educadores, gestores e discentes é contínuo e o despreparo de todos envolvidos no combate à violência escolar é notória, e somente a inserção de projetos capacitadores para a formação em técnicas de comunicação não-violenta poderão no futuro transformar significativamente o grave quadro da violência escolar.

Buscando trabalhar essa questão, desenvolvemos uma pesquisa sobre a violência escolar nas escolas da rede estadual de Sergipe, visando identificar principalmente a violência verbal presente nessas escolas.

5 Pesquisa sobre violência escolar realizada nas escolas da Rede Estadual de Sergipe

Trata-se de uma pesquisa descritiva, de caráter exploratório, com abordagem do tipo quantitativa e qualitativa. Inicialmente procedeu-se ao desenvolvimento da pesquisa em três etapas. A primeira foi a pesquisa bibliográfica para ampliar o conhecimento sobre o tema. Na segunda etapa foi realizado um levantamento de todas as escolas da rede estadual do Estado de Sergipe, ou seja, as 358 escolas receberam uma solicitação detalhada do real objetivo da pesquisa, através do termo dentro das normas exigidas para a realização de um trabalho de pesquisa. Entretanto somente

199 responderam com êxito a solicitação, permitindo a presença da pesquisadora no local.

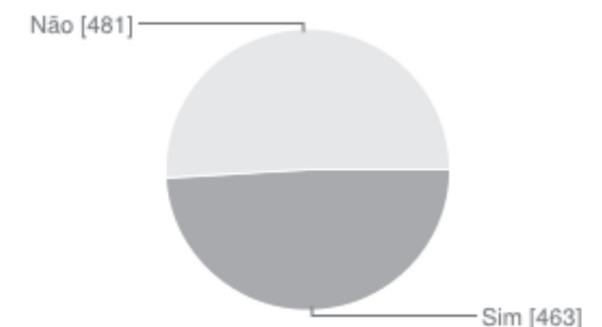
Já na terceira etapa realizou-se uma pesquisa de campo por meio de utilização de um questionário contendo 14 (catorze) perguntas, elaboradas pela autora, baseando-se nas referências consultadas. Participaram os diversos segmentos (aluno, professor, funcionário, pai e equipe diretiva). Esse procedimento de coleta dos dados deu-se no mês de novembro de 2014. Os dados obtidos foram tabulados em gráficos no período de dezembro de 2014 a janeiro de 2015, os quais serão apresentados e discutidos no próximo item.

6. ANÁLISE DE RESULTADOS

O trabalho de pesquisa teve como participantes 20% de alunos, 21% de professores, 18% de pais, 19% de funcionários e 23% de diretores, sujeitos que fazem parte do universo escolar diretamente.

Como pode ser observado, no primeiro gráfico 1 verifica-se a alta incidência de violência nas escolas no período de um ano. Esse dado demonstra a necessidade urgente do emprego de programas de Educação para a Paz e comunicação não-violenta. Segundo Rosenberg (2006), a comunicação não-violenta (CNV) permite ao educador substituir velhos padrões de defesa, recuo ou ataque diante de julgamentos e críticas, em favor de uma nova visão perante reações ofensivas. Assim, as ações violentas são minimizadas na busca pela transformação do relacionamento no ambiente escolar que possui reflexos na sua vida familiar e social.

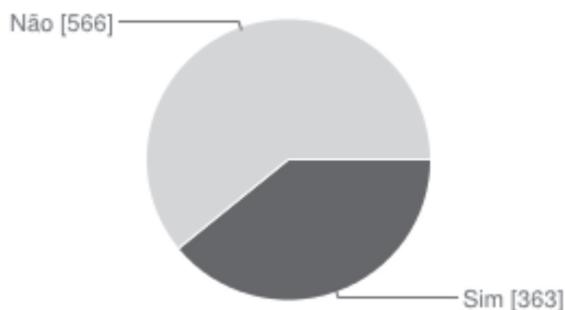
Gráfico 1. A escola sofreu algum tipo de violência em 2013/2014 ?



Fonte: elaborado pela autora.

O gráfico 2 retrata a realidade marcante da violência escolar, pois ao registrar o boletim de ocorrência visualiza-se que o controle da educação está fugindo do âmbito escolar para tornar-se 'coisa de polícia'. Nesse procedimento, a CNV estimula um processo de aproximação mais harmoniosa e focada na oportunidade de todos expressarem seus anseios em processos de diálogos construídos e possibilitados pelo próprio ambiente escolar.. Observa-se que 36% das escolas registraram boletim de ocorrência e 57% não.

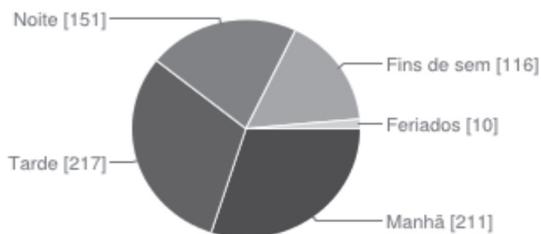
Gráfico 2. Sua escola registrou algum Boletim de Ocorrência junto à polícia, em 2013 / 2014 ?



Fonte: elaborado pela autora.

Já o exposto no gráfico 3 retrata os períodos de maior incidência de registros de violência. Pela manhã 21%, tarde 22%, noite 15%, fins de semana 12% e feriado 1%. Esse dado indica um fator importante observado nos períodos da tarde e manhã, que são os turnos com maior indicativo de ocorrência de violência, já que comportam um número maior de estudantes na pré-adolescência e adolescência.

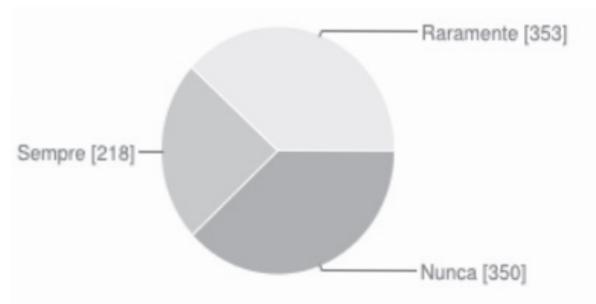
Gráfico 3. Em qual momento a violência ocorre com maior frequência ?



Fonte: elaborado pela autora.

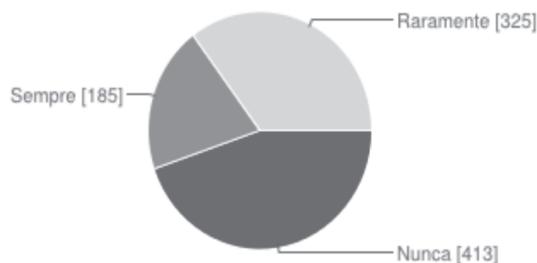
O gráfico 4 representa os danos ao patrimônio material que são praticados sorrateiramente. De acordo com Moraes (1995), a violência é algo muito complexo, pois pode apresentar-se de várias maneiras, podendo ir das mais sutis até as mais brutais, como agressão ao patrimônio ou agressão física. Os gráficos são continuação desse item, demonstrando individualmente os principais danos materiais ocorridos com maior frequência no âmbito escolar.

Gráfico 4. Tipo de violência que costuma apresentar na escola? (com relação aos bens materiais)



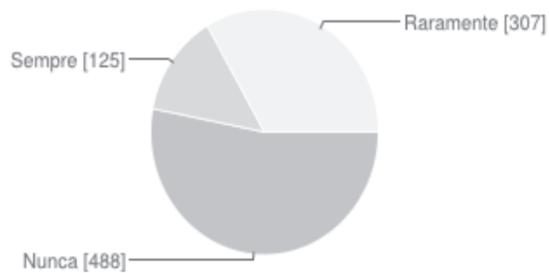
Nunca	35%
Sempre	22%
Raramente	35%

4.1 Pichação



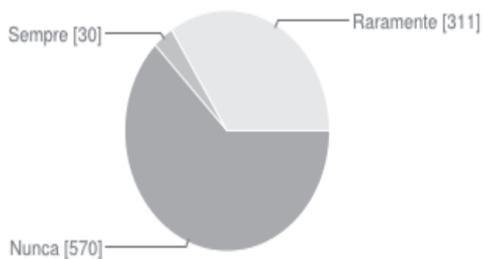
Nunca	41%
Sempre	19%
Raramente	33%

4.2 Arrombamento



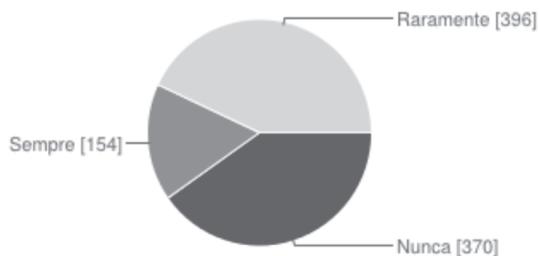
Nunca	49%
Sempre	13%
Raramente	31%

4.3 Dano de Veículos



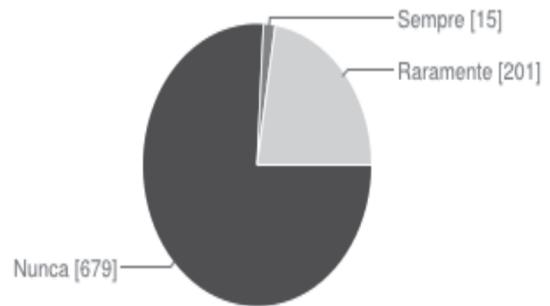
Nunca	57%
Sempre	3%
Raramente	31%

4.4 Furto



Nunca	37%
Sempre	15%
Raramente	40%

4.5 Danos à Documentação

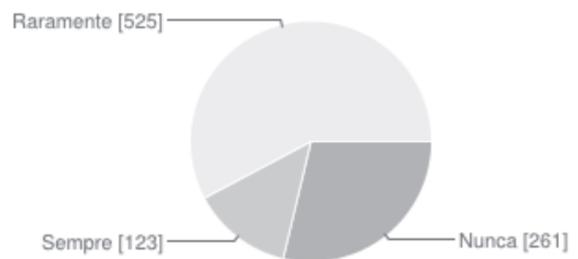


Nunca	68%
Sempre	2%
Raramente	20%

Fonte: elaborado pela autora.

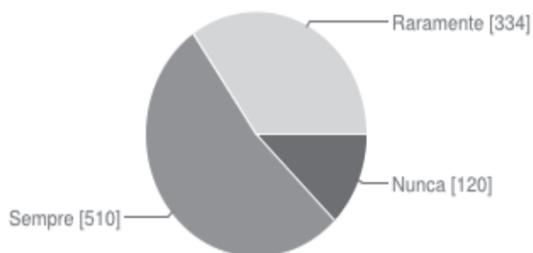
Já os gráficos apresentados a seguir denotam os tipos de violência verbal praticados no ambiente escolar. Nesse contexto, vale a pena ressaltar que as técnicas desenvolvidas pela CNV denunciam o uso da linguagem como mecanismo de violência cultural, que legitima e naturaliza outros tipos de violência. Na atualidade, o *bullying* é um dos tipos de violência mais frequentes.

Gráfico 5. Tipos de violência que costuma presenciar na escola? (Com relação às pessoas)



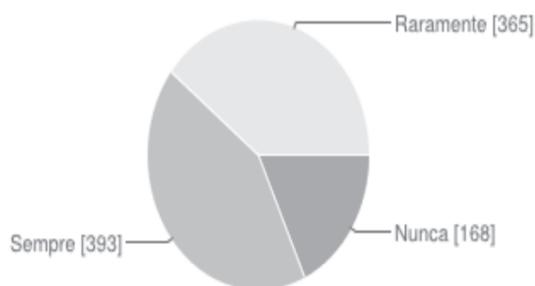
Nunca	26%
Sempre	12%
Raramente	53%

5.1 Verbal



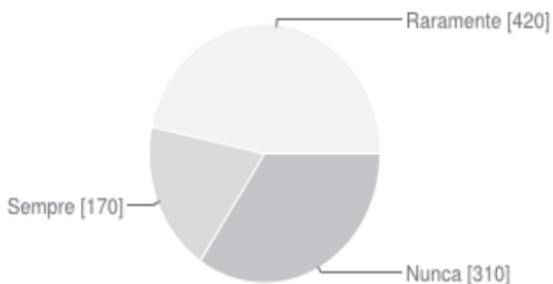
Nunca	12%
Sempre	51%
Raramente	34%

5.3 Bullying



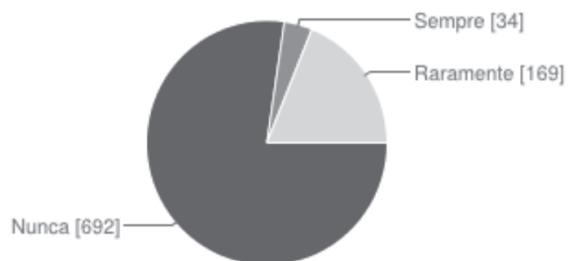
Nunca	57%
Sempre	3%
Raramente	31%

5.2 Psicológica



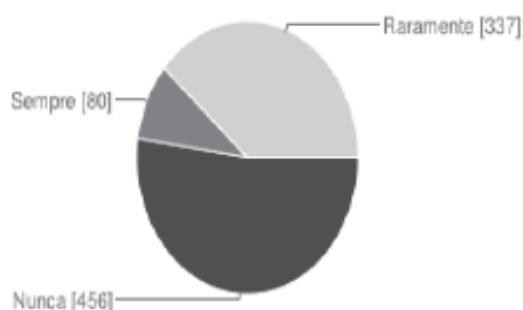
Nunca	31%
Sempre	17%
Raramente	42%

5.4 Sexual



Nunca	69%
Sempre	3%
Raramente	17%

5.5 Simbólica



Nunca 46%

Sempre 8%

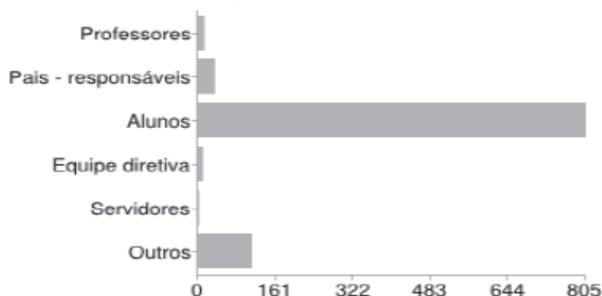
Raramente 34%

Fonte: elaborado pela autora.

O gráfico 6 especifica os principais responsáveis pela violência na escola. Valendo especificar que a CNV inserida no contexto escolar estimula o diálogo e a boa convivência no geral, e uma das técnicas é estimular a segurança em assumir os próprios erros, ou seja, todos devem conscientizar-se da importância em respeitar o próximo. E no relacionamento professor-aluno, sempre há trocas de experiências e desconhecimento, no qual o professor transmite conhecimentos e também aprende com a realidade de cada aluno. O aluno, por sua vez, também ensina e aprende, mesmo sem intencionalidade (ROSA, 2010).

Partindo dessa reflexão, observou-se que os professores atingem 1% dos atos de violência, enquanto, os alunos apresentam 81%, pais ou responsáveis 4%, equipe diretiva 1% e outros 11%. Esse dado revela a grande incidência dos alunos como protagonistas da violência.

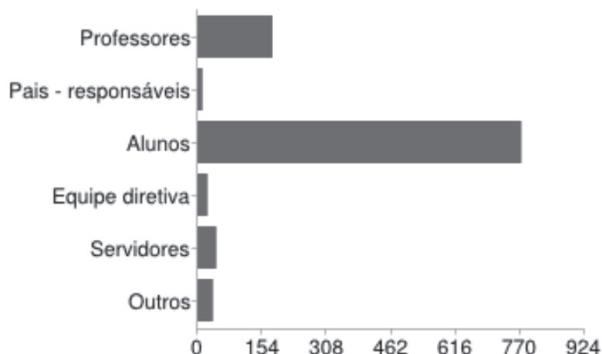
Gráfico 6. Qual desses é o principal autor da



Fonte: elaborado pela autora.

Já o gráfico 7 mostra a realidade da violência entre os alunos. Deles, 77% já sofreram algum tipo de violência verbal ou física e essa estimativa revalida a necessidade de um diálogo coerente e aberto, que possibilite ao aluno não ter receio em demonstrar suas fragilidades. Essa reeducação emocional implica numa aprendizagem transformadora, que também deve ser reforçada pela família e pelo círculo social do estudante. É uma das técnicas focadas na CNV, que defende uma educação num ambiente sadio. Em seguida, segundo os resultados obtidos, vem os professores com 18%, pais 1%, equipe diretiva 2% outros representa 4%.

Gráfico 7. Qual a vítima mais frequente nos casos de violência na escola?

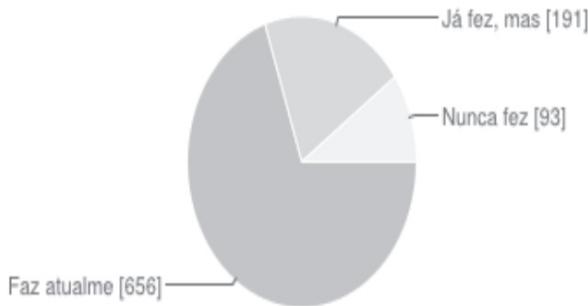


Fonte: elaborado pela autora.

No gráfico 8 é importante observar a necessidade de projetos para combater a violência no ambiente escolar, pois em todo e qualquer tipo de violência deve-se tomar todas as providências. Assim, diante da pergunta, 66% das escolas desenvolvem algum projeto voltado para o combate à violência, 19% já desenvolveram, mas atualmente

não desenvolvem mais, e 9% nunca realizaram nenhuma atividade ou projeto nesse sentido.

Gráfico 8. A escola em que trabalha ou frequenta promove alguma ação contra a violência escolar?



Fonte: elaborado pela autora.

Já o gráfico 9 representa a eficácia de medidas simples, mas com resultados na surpreendentes. Dentre as escolas entrevistadas, 41% realizaram debates sobre a violência, 27% policiamento em volta da casa, 39% envolvimento dos pais, 18% promoção da cultura e lazer, 3% outros.

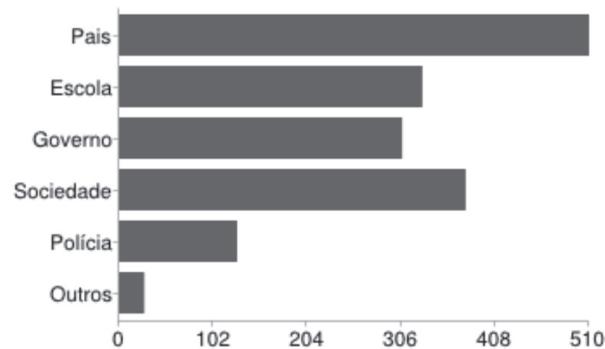
Gráfico 9. Assinale uma ou mais medidas que você julga eficaz para o enfrentamento da violência escolar?



Os pais novamente representam uma força importante para desconstruir a violência, representando 51%, ou seja, cabe ressaltar a importância desse colaborador como um agente fundamental junto à escola. A família e a escola são dois elementos que não podem caminhar sozinhos e juntos podem propiciar resultados surpreendentes no processo de mudança do contexto da violência escolar

e no ensino-aprendizagem do aluno. Em seguida, os dados apontam para a sociedade com 38%, 33% escola, 31% governo, 13% polícia e 3% outros.

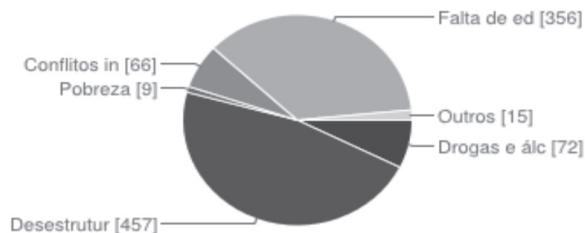
Gráfico 10. Assinale um ou mais colaboradores que possam diminuir o problema da violência escolar?



Fonte: elaborado pela autora.

A falta de diálogo e afeto em algumas situações conduzem o aluno a práticas consideradas pela sociedade como desajustadas. Entretanto, o mau-comportamento aliado à escassez de oportunidade de ser ouvido e as constantes repreensões conduzem muitos jovens à prática de subterfúgios e comportamentos moralmente anti-éticos. A prevenção deve começar em casa, com a colaboração da família na desconstrução das estruturas da cultura da violência e quando não há possibilidade de diálogo entre pais e filhos, ou até mesmo quando as famílias não são estruturadas, faltando em muitos casos para crianças e jovens a presença do pai, mãe, ou ambos, cabe à escola promover essa prevenção. Desta forma, de acordo com os indicativos, as principais causas de violência escolar foram indicadas como: 46% apontaram desestrutura familiar, 36% falta de educação/valores/respeito, 7% conflitos interpessoais, 7% álcool e drogas, 1% pobreza e 2% outros.

Gráfico 11. No seu ponto de vista, qual a principal causa da violência na escola?



Como observamos, o papel da escola é oferecer segurança e ensino de qualidade ao estudante. Contudo, no contexto atual essa prática não está sendo executada com êxito e os indicativos apontam uma insatisfação significativa. Dentre os entrevistados, 50% acharam regular, 24% boa e 23% péssima a segurança na escola.

Gráfico 12. Como analisa a segurança na sua escola



Fonte: elaborado pela autora.

O gráfico 13 apresenta a proposta da cultura paz no ambiente escolar, configurando-se como uma Assim, 94% dos entrevistados concordam e apenas 4% discordam que essa temática deveria ser introduzida no âmbito escolar.

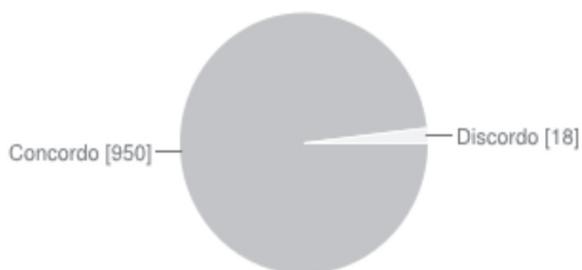
Gráfico 13. A Educação para a Paz é um tema que poderia ser inserido no currículo escolar?



Fonte: elaborado pela autora.

Como foi discutido no artigo, a noção de Cultura de Paz retrata a necessidade de demonstrar à sociedade a importância de atividades e projetos focados nessa iniciativa. Nesse contexto, o gráfico 14 mostra nitidamente a necessidade dessa prática no dia a dia nas escolas. Dentre os entrevistados, 98% concordam e apenas 2% discordam que promover essas atividades e iniciativas pautadas pela cultura de paz seriam eficazes na prevenção da violência escolar.

Gráfico 14. Promover debates, oficinas e outras atividades voltadas para a cultura da paz na escola seriam ações eficazes e eficientes na prevenção da violência escolar?



Fonte: elaborado pela autora.

Diante de todos os dados expostos, observou-se que a violência, especialmente a verbal, ainda é latente no ambiente escolar e ela naturaliza as estruturas de outros tipos de violência, incitando a enfrentamentos e reações defensivas e combativas. Projetos que buscam transformar essa realidade são uma necessidade urgente para modificar o quadro de violência no universo escolar.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise e interpretação dos dados obtidos a partir da pesquisa realizada, é possível compreender que é fundamental o investimento em projetos que associem a CNV no contexto da Educação para a Paz. No decorrer do trabalho, observamos que o objetivo inicial pretendido foi atingido, pois nossa intenção era mapear o quadro referente à realidade da violência escolar na Rede Estadual de Ensino no Estado de Sergipe, e verificar a incidência

das tipologias de violência e os elementos que se relacionam esse fenômeno na atualidade. Como foi possível identificar, a violência na linguagem ainda é predominante no âmbito escolar, sendo necessário o apoio aos professores, por meio de estratégias de capacitação e treinamento em prática pedagógica voltada para a comunicação não-violenta com a finalidade de desconstruir estruturas da cultura da violência. Nesse processo, é essencial contar com o apoio das famílias, que devem reforçar o emprego dessas técnicas.

Considerando-se os dados expostos, verifica-se que a violência na linguagem é um reflexo

da cultura da violência, que vem legitimando diversas formas de violência, seja direta ou estrutural, produzindo uma naturalização do fenômeno. Diante disso, cabe reforçar que, embora o conflito seja inerente ao ser humano, a violência não é. Ela é uma construção cultural, aprendida. Portanto, se ela é aprendida, também pode ser desaprendida. Nesse sentido, cabe a todos nós, educadores, comunicadores, profissionais da educação, pais e familiares, contribuímos com os recursos e técnicas que nos ajudem a desconstruir a cultura da violência para aprendermos a ser pacifistas, nossa verdadeira natureza.

8 REFERÊNCIAS

CHRISPINO, Álvaro. **Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação**. Ensaio: Avaliação Política Pública de Educação, v. 15, n.º 3, 2007, pp.119-134.

GALTUNG, J. **A structural theory of integration**, em J. Galtung, *Peace, research, education, action*. Copenhaga: Christian Ejlers, 1993.

GALTUNG, Johan. **Violencia, paz e investigación sobre la paz**. In: *Sobre La paz*. Ed. Fontamara. Barcelona. 1986.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **Cidadãos do presente: crianças e jovens na luta pela paz**. Saraiva. São Paulo. 2002. 80p.

MALDONADO, Maria Tereza. **Os construtores da paz: caminhos da prevenção da violência**. Moderna. São Paulo. 1997. 112p.

MARTÍNEZ Gusmán, Vicent. (2005): **Podemos hacer las paces: Reflexiones éticas trans el 11-S y el 11-M**, Desclée De Brouwer: 73.

MORAIS, Régis de. **Violência e educação**. São Paulo: Papirus, 1995.

ODÁLIO, Nilo. **O que é Violência**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

RIBEIRO, Raimunda. **Educação e Paz: Construindo Cidadania**. In: BOMFIM, Maria do Carmo Alves do (org.) e Kelma Socorro Lopes de Matos. *Juventude, Cultura de Paz e Violência na Escola*. Fortaleza: Editora UFC, 2006, p.166-167.

ROSA, M.J.A. **Violência no ambiente escolar: refletindo sobre as consequências para o processo de aprendizagem**, v. 8, n.º 4, Itabaiana – Sergipe, 2010.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta**: Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais (em Português). São Paulo: Summus, 2006. 288 p.

UNESCO. *Decenio Internacional de una cultura de paz y no violencia para los niños del mundo, 2001-2010*. A/58/182 del 24 de julio de 2003.

Recebido em: 15 de Janeiro de 2018
Avaliado em: 23 de Fevereiro de 2018
Aceito em: 14 de Março de 2018
